

OS Lusíadas

Os elementos do género épico

Características gerais do género épico:

- o Uma acção épica expressiva de grandeza e heroísmo de uma forma solene
- o Um protagonista que, além da sua alta estirpe social, devia revelar grande valor moral
- o Unidade de acção
- o Os episódios dão extensão à epopeia, mas servem, sobretudo, para a enriquecer, sem quebrar a unidade de acção
- o A intervenção do maravilhoso na acção
- o A utilização do modo narrativo, pelo poeta em seu próprio nome ou assumindo personalidades diversas
- o A reduzida intervenção do poeta

Características do género épico em “Os Lusíadas”:

a) A acção é a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, como acontecimento culminante da História de Portugal até à data da composição da obra e definidor do perfil do herói, isto é, o Povo Português, “o peito ilustre lusitano”

Havia determinadas qualidades que a acção de uma epopeia devia reunir: a unidade, a variedade, a verdade e a integridade.

1. A unidade é, porventura, a característica fundamental, dado que exige que todas as suas partes ou séries de acontecimentos constituam um todo harmonioso

2. A variedade é conseguida através da inserção de episódios, cuja função é embelezar a acção e quebrar a monotonia de uma narração continuada, mas sempre sem prejudicar a unidade, através do estabelecimento hábil de uma relação como o acontecimento ou a figura de que a acção se ocupa em cada momento. São variados os tipos de episódios que encontramos em “Os Lusíadas”:

- Mitológicos
- Bélicos
- Líricos
- Naturalistas
- Simbólicos
- Humorístico
- Cavalheiresco

3. A verdade consiste no tratamento de um assunto real ou, pelo menos, verosímil

4. A integridade exige a estruturação de uma narrativa com princípio, meio e fim (introdução, desenvolvimento e conclusão)

b) A personagem - (os sujeitos ou heróis da acção) – o povo português, um herói colectivo, que na obra é simbolicamente representado por Vasco da Gama

c) O maravilhoso, que consiste na intervenção, de entidades sobrenaturais na acção, umas favorecendo, outras dificultando. Cada intervenor tem as suas razões para desejar o sucesso ou o insucesso dos marinheiros portugueses.

d) A forma: “Os Lusíadas” são uma narrativa em verso, dividida em dez cantos, com um número aproximado de cento e dez estrofes cada. As estrofes são oitavas em verso decassilábico, geralmente heróico

O esquema rimático é fixo – ABABABCC – sendo, portanto, a rima cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada nos dois últimos.

Quadro-Síntese:

ELEMENTOS	CONCRETIZAÇÃO EM “OS LUSÍADAS”	CARACTERÍSTICAS
- A acção acontecimentos representados ao longo da obra	- viagem de Vasco da Gama, acontecimento culminante da história de Portugal	- Unidade - ligação entre as diversas partes - Variedade - inserção de episódios para quebrar a monotonia e embelezar a acção - Verdade - assunto real, ou, pelo menos, verosímil - Integridade - criação de uma intriga com princípio, meio e fim
- A personagem os agentes ou heróis da acção	- Vasco da gama - O Povo Português - Camões - Etc	- Individual e principal, com uma dimensão simbólica (um povo de marinheiros) - Herói colectivo, fundamental numa epopeia - herói individual - Não são meros símbolos, têm paixões humaníssimas, identificam o êxito e o fracasso, a vitória e a derrota
- O maravilhoso intervenção de seres sobrenaturais na acção	- Júpiter, Vénus, Marte, Baco, etc. - Deus (A Divina Providência Cristã)	- Pagão - deuses pagãos - Cristão - divindades do cristianismo - Misto - mistura dos dois anteriores
A forma		- Dez cantos - Narrativa em versos decassilábicos, geralmente heróicos, agrupados em oitavas - Rima cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada nos dois últimos - Esquema rimático: ABABABCC

A estrutura externa

A obra distribui-se por dez cantos, cada um deles com um número variável de estrofes (em média cento e dez). O número total de estrofes da epopeia é de mil cento e duas. As estrofes são oitavas, isto é, constituídas por oito versos. Os versos são decassilábicos, na sua maioria heróicos (acentuados

nas 6ª e 10ª sílabas), surgindo, também, por vezes, o verso sáfico (acentuado nas 4ª, 8ª e 10ª sílabas).

O esquema rimático é o mesmo em todas as estrofes da obra - ABABABCC, sendo, portanto, a rima cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada nos dois últimos.

A estrutura interna

“Os Lusíadas” apresenta as tradicionais três partes lógicas: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Assim, das quatro partes de uma epopeia clássica (proposição, invocação, dedicatória e narração) constituem as três primeiras a introdução (I, 1-18); a narração constituirá o desenvolvimento; e considerar-se-á concluída quando os marinheiros entrarem “pela foz do Tejo ameno” (X, 144). A conclusão, ou epílogo, inclui as restantes doze estrofes do canto X (145-156) e exprime um desabafo desencantado perante a Musa e uma exortação final a D. Sebastião, prometendo cantar-lhe os feitos futuros.

Introdução (proposição, invocação e dedicatória)

A proposição

Consiste na apresentação do assunto (Canto I, 1-3), em que Camões proclama cantar as grandes vitórias e os homens ilustres (“As armas e os barões assinalados”), as conquistas e navegações no Oriente (reinados de D. Manuel e de D. João III), as vitórias em África e na Ásia (desde D. João I a D. Manuel), que dilataram “a Fé e o Império” e, por último, todos aqueles que “por obras valerosas se vão da lei da Morte libertando”, todos aqueles que, no passado, no presente e no futuro, mereceram, merecem ou vieram a merecer a imortalidade” na memória dos homens.

Predomínio da função apelativa, pelo uso do conjuntivo com sentido de imperativo (cessem, cale-se, cesse) e pela repetição daquelas formas verbais sinónimas.

A invocação

Consiste em pedir ajuda a entidades mitológicas, chamadas Musas. Isso acontece várias vezes ao longo do poema, sempre que o sujeito da enunciação sente faltar-lhe a inspiração suficiente, seja em resultado da grandeza da tarefa que se lhe impõe, seja porque as condições são adversas. Todavia, no canto X, estrofe 145, Camões dirige-se, finalmente, às Musas (Calíope) para um lamento sincero e a confissão de “não mais” poder “cantar a gente surda e endurecida”.

Predomínio, ainda, da função apelativa da linguagem, pelo uso do imperativo, do vocativo, e da repetição anafórica.

Pretende Camões, nestas duas estrofes, que as tágides lhe dêem um estilo sublime, à altura dos feitos que se propõe narrar e de forma que a gesta lusitana se torne conhecida em todo o universo. Não lhe interessa, agora, a inspiração lírica e bucólica que as Musas lhe prodigalizaram. Pretende agora voar mais alto.

A dedicatória

A dedicatória (I, 6-18) é o oferecimento do poema a D. Sebastião.

O carácter oratório do discurso é que determina o uso da 2ª pessoa do plural (“vós”), do modo imperativo (“inclinai”, “ponde”) e de numerosas apóstrofes.

D. Sebastião encarna toda a esperança do poeta que quer ver nele um monarca poderoso, capaz de retomar a “dilatação da Fé e do Império” e de ultrapassar a crise do momento.

Camões dirige-se a D. Sebastião, usando repetidamente a cerimoniosa 2ª pessoa do plural e sucessivas apóstrofes e perífrases altamente elogiosas, vendo nele o depositário providencial da independência da Pátria e a garantia da dilatação da Fé Cristã e da construção dum Império onde sempre haveria Sol, porque se estenderia de Leste a Oeste do Universo.

Desenvolvimento – os quatro planos de organização da narrativa:

A viagem

A quarta parte da epopeia, a narração, é que constitui a acção principal que, à maneira clássica, se inicia “in media res”, isto é, quando a viagem já vai a meio, encontrado-se já os marinheiros em pleno Oceano Índico.

Este começo da acção central, a viagem de descoberta do caminho marítimo para a Índia, quando os Portugueses se encontram já a meio do percurso, no Canal de Moçambique, vai permitir:

- a narração do percurso até Melinde pelo narrador heterodiegético (cantos I e II)
- a narração da História de Portugal até à viagem (cantos III, IV e V,85), em forma de discurso do Gama, dirigido ao Rei de Melinde e a pedido deste
- A inclusão da narração da primeira parte da viagem e ao surgimento da “doença crua e feia” (escorbuto) na retrospectiva histórica atrás referida
- A apresentação do último troço da viagem (canto VI), entre Melinde e Calecute, de novo por um narrador heterodiegético.

Mas, simultaneamente, os deuses reúnem em consílio, para decidir “sobre as cousas futuras do Oriente” e, de vez em quando, tece o poeta considerações pessoais.

A narrativa organiza-se em quatro planos: o da viagem e dos deuses, em alternância, ocupam uma posição fulcral; a História passada de Portugal está encaixada na viagem; as considerações pessoais aparecem normalmente nos fins de cantos e constituem, de um modo geral, a visão crítica do Poeta sobre o seu tempo.

Já a Proposição aponta para os quatro planos do poema: a celebração de uma viagem a glorificação de um povo do poema: a celebração de uma viagem, a glorificação de um povo cuja história será narrada, por traduzir a vitória sobre os deuses, na interpretação pessoal do poeta: “Cantando espalharei por toda a parte”.

A Histórica de Portugal: os discursos e as profecias

A História de Portugal, exposta em discurso (de Vasco da Gama ao rei de Melinde e de Paulo da Gama ao Catual, para a história passada em relação à viagem – 1498) e em profecias (de Jupiter, de Adamastor, da ninfa Sirena e de Tétis, em relação à história futura em relação à viagem), não tem uma unidade intrínseca.

Uma parte dessa história é dada em sequência cronológica e consta do discurso de Vasco da Gama ao rei de Melinde. Outra parte é dada em quadros soltos, como são as pinturas (“bandeiras”) que Paulo da Gama explica ao Catual ou as profecias de Júpiter, do gigante Adamastor, de Tétis ou da Ninfa Sirena.

Abundam, os discursos, ora dos narradores, ora dos protagonistas das histórias: o da “formosíssima Maria”, a seu pai; o de Inês de Castro ao sogro (Afonso IV); o de Nuno Álvares Pereira, no canto IV.

A exposição dos feitos dos Portugueses caracteriza-se pela ausência de uma acção de conjunto. Não é, portanto, que encontrámos a mola do poema.

Os deuses

A intriga dos deuses abre com o consílio, com que se inicia a acção do poema (I; 20-41) e fecha na ilha de Vénus, com que ele, praticamente, se encerra.

Formalmente, a unidade de “Os Lusíadas” é estabelecida pela intriga dos deuses. Eles estão em cena desde o princípio até ao fim do poema, o qual abre com o consílio dos deuses e termina com a Ilha dos Amores. Não se trata de mero quadro externo, ou de uma sobreposição, mas da mola real do poema, que não tem outra. As personagens mitológicas têm uma vida que falta às personagens históricas: são elas as verdadeiras criaturas humanas, que sentem, que se apaixonam, intrigam e fazem rebuliço. O Gama é muito mais hirto e frio que o Gigante Adamastor, apesar de este ser um cabo, uma rocha. E ninguém tem o vulto, a irradiação, a força, a personalidade provocante de Vénus.

Através da mitologia, Camões exprime algumas tendências profundas do Renascimento:

- a vitória dos homens sobre os deuses, que personificam os limites opostos pela tradição à iniciativa humana
- a confiança na capacidade humana para dominar a natureza
- a concepção da natureza como um ser vivo
- a afirmação (apenas virtual) de Deus como uma imanência
- a crença na bondade da natureza
- a identificação da lei da razão com a lei da liberdade
- a proscrição da noção de pecado

As considerações pessoais

Este plano, é aquele em que o autor se permite tecer considerações, na maior parte das vezes de carácter satírico, sobre matérias muito diferenciadas:

- a fragilidade da vida humana face aos “grandes e gravíssimos perigos” tanto no mar como na terra (I, 105-106)
- o desprezo a que as Artes e as Letras muitas vezes são votadas pelos Portugueses (V, 91-100)
- o valor da glória e das honras por mérito próprio (VI, 95-99)
- a ingratidão de que se sente vítima por parte da sociedade (VII, 78-87)
- o poder corruptor do ouro, o “metal luzente e louro”, também motor de traições (VIII, 96-99)
- os modos de atingir a imortalidade, condenado a cobiça, a ambição e a tirania (IX, 92-95)
- a decadência da Pátria, a “austera, apagada e vil tristeza” (X, 145)

- a invectiva ao Rei, renovando os apelos da Dedicatória, e incentivando-o a tomar medidas no sentido de corrigir e repor o país na senda do êxito (X, 146-156)

Conclusão

Camões lamenta perante a Musa (Calíope) a inutilidade do seu canto face à indiferença da sociedade do seu tempo (“gente surda e endurecida”), afogada que está “no gosto da cobiça e na rudeza/Duma austera, apagada e vil tristeza”; da estrofe 146 até ao fim do canto, Camões dirige-se ao novo Rei, última esperança de regeneração da Pátria, aconselha-o a “favorecer” todos aqueles que estejam dispostos a servir desinteressadamente e conclui a sua obra oferecendo-se para cantar os feitos que D. Sebastião venha a praticar em África.

A universalidade e actualidade da mensagem

“Os Lusíadas” são o poema do mar, dos Descobrimentos, das trocas internacionais? Sim, sem qualquer dúvida. Mas Camões defende, simultaneamente, o amor e a guerra, o império do amor e o amor do império. Tem-se a impressão de que Camões, poeta lírio, faz uma aposta – a aposta de escrever uma epopeia – cumpriu a sua palavra até ao fim, mas durante a realização de um trabalho de muitos anos sofreu momentos de dúvida e pôs em causa aquilo que exaltava.

As contradições do poema são as contradições do seu século, e desta conclusão podemos inferir da sua universalidade, pois “OS Lusíadas” não são exclusivamente o canto do nacionalismo que se estruturava – mas também uma meditação sobre os valores. Trata-se, com efeito, das contradições dialécticas de uma voz que exprime a consciência moral, social e política da Europa num momento da sua evolução.

“Os Lusíadas”, poema simultaneamente épico e crítico, veiculam pois uma mensagem universal de humanismo generoso que contrabalança e ultrapassa a tolerância religiosa e um patriotismo estreito. A sua problemática, bem como a sua arte, interessa ainda aos nossos dias, aos homens de todo o mundo. Nele se descobre já a aspiração profunda ao conhecimento e ao amor do próximo, condição necessária quer para o desenvolvimento harmonioso do indivíduo quer para a criação cultural e o triunfo da paz.

Os Dez Cantos d'Os Lusíadas

Canto I

O poeta indica o assunto global da obra, pede inspiração às ninfas do Tejo e dedica o poema ao Rei D. Sebastião. Na estrofe 19 inicia a narração de viagem de Vasco da Gama, referindo brevemente que a Armada já se encontra no Oceano Índico, no momento em que os deuses do Olimpo se reúnem em Consílio convocado por Júpiter, para decidirem se os Portugueses deverão chegar à Índia.

Com o apoio de Vénus e Marte e apesar da oposição de Baco, a decisão é favorável aos Portugueses que, entretanto, chegam à Ilha de Moçambique.

Aí Baco prepara-lhes várias ciladas que culminam com o fornecimento de um piloto por ele instruído para os conduzir ao perigoso porto de Quíloa. Vénus intervém, afastando a armada do perigo e fazendo-a retomar o caminho certo até Mombaça. No final do Canto, o poeta reflecte acerca dos perigos que em toda a parte espreitam o Homem.

Canto II

O rei de Mombaça, influenciado por Baco, convida os Portugueses a entrar no porto para os destruir. Vasco da Gama, ignorando as intenções, aceita o convite, pois os dois condenados que mandara a terra colher informações tinham regressado com uma boa notícia de ser aquela uma terra de cristãos. Na verdade, tinham sido enganados por Baco, disfarçado de sacerdote. Vénus, ajudada pelas Nereidas, afasta a Armada, da qual se põem em fuga os emissários do Rei de Mombaça e o falso piloto.

Vasco da Gama, apercebendo-se do perigo que corria, dirige uma prece a Deus. Vénus comove-se e vai pedir a Júpiter que proteja os Portugueses, ao que ele acede e, para a consolar, profetiza futuras glórias aos Lusitanos. Na sequência do pedido, Mercúrio é enviado a terra e, em sonhos, indica a Vasco da Gama o caminho até Melinde onde, entretanto, lhe prepara uma calorosa recepção. A chegada dos Portugueses a Melinde é efectivamente saudada com festejos e o Rei desta cidade visita a Armada, pedindo a Vasco da Gama que lhe conte a história do seu país.

Canto III

Após uma invocação do poeta a Calíope, Vasco da Gama inicia a narrativa da História de Portugal. Começa por referir a situação de Portugal na Europa e a lendária história de Luso a Viriato. Segue-se a formação da nacionalidade e depois a enumeração dos feitos guerreiros dos Reis da 1.^a Dinastia, de D. Afonso Henriques a D. Fernando.

Destacam-se os episódios de Egas Moniz e da Batalha de Ourique, no reinado de D. Afonso Henriques, e o da Formosíssima Maria, da Batalha do Salado e de Inês de Castro, no reinado de D. Afonso IV.

Canto IV

Vasco da Gama prossegue a narrativa da História de Portugal. Conta agora a história da 2.^a Dinastia, desde a revolução de 1383-85, até ao momento, do reinado de D. Manuel, em que a Armada de Vasco da Gama parte para a Índia.

Após a narrativa da Revolução de 1383-85 que incide fundamentalmente na figura de Nuno Álvares Pereira e na Batalha de Aljubarrota, seguem-se os acontecimentos dos reinados de D. João II, sobretudo os relacionados com a expansão para África.

É assim que surge a narração dos preparativos da viagem à Índia, desejo que D. João II não conseguiu concretizar antes de morrer e que iria ser realizado por D. Manuel, a quem os rios Indo e Ganges apareceram em sonhos, profetizando as futuras glórias do Oriente. Este canto termina com a partida da Armada, cujos navegantes são surpreendidos pelas palavras profeticamente pessimistas de um velho que estava na praia, entre a multidão. É o episódio do Velho do Restelo.

Canto V

Vasco da Gama prossegue a sua narrativa ao Rei de Melinde, contando agora a viagem da Armada, de Lisboa a Melinde.

É a narrativa da grande aventura marítima, em que os marinheiros observaram maravilhados ou inquietos o Cruzeiro do Sul, o Fogo de Santelmo ou a Tromba Marítima e enfrentaram perigos e obstáculos enormes como a hostilidade dos nativos, no episódio

de Fernão Veloso, a fúria de um monstro, no episódio do Gigante Adamastor, a doença e a morte provocadas pelo escorbuto.

O canto termina com a censura do poeta aos seus contemporâneos que desprezam a poesia.

Canto VI

Finda a narrativa de Vasco da Gama, a Armada sai de Melinde guiada por um piloto que deverá ensinar-lhe o caminho até Calecut.

Baco, vendo que os portugueses estão prestes a chegar à Índia, resolve pedir ajuda a Neptuno, que convoca um Consílio dos Deuses Marinhos cuja decisão é apoiar Baco e soltar os ventos para fazer afundar a Armada. É então que, enquanto os marinheiros matam despreocupadamente o tempo ouvindo Fernão Veloso contar o episódio lendário e cavaleiresco de *Os Doze de Inglaterra*, surge uma violenta tempestade.

Vasco da Gama vendo as suas caravelas quase perdidas, dirige uma prece a Deus e, mais uma vez, é Vénus que ajuda os Portugueses, mandando as Ninfas seduzir os ventos para os acalmar.

Dissipada a tempestade, a Armada avista Calecut e Vasco da Gama agradece a Deus. O canto termina com considerações do Poeta sobre o valor da fama e da glória conseguidas através dos grandes feitos.

Canto VII

A Armada chega a Calecut. O poeta elogia a expansão portuguesa como cruzada, criticando as nações europeias que não seguem o exemplo português. Após a descrição da Índia, conta os primeiros contactos entre os portugueses e os indianos, através de um mensageiro enviado por Vasco da Gama a anunciar a sua chegada.

O mouro Monçaíde visita a nau de Vasco da Gama e descreve Malabar, após o que o Capitão e outros nobres portugueses desembarcam e são recebidos pelo Catual e depois pelo Samorim. O Catual visita a Armada e pede a Paulo da Gama que lhe explique o significado das figuras das bandeiras portuguesas. O poeta invoca as Ninfas do Tejo e do Mondego, ao mesmo tempo que critica duramente os opressores e exploradores do povo.

Canto VIII

Paulo da Gama explica ao Catual o significado dos símbolos das bandeiras portuguesas, contando-lhe episódios da História de Portugal nelas representados. Baco intervém de novo contra os portugueses, aparecendo em sonhos a um sacerdote brâmane e instigando-o através da informação de que vêm com o intuito da pilhagem.

O Samorim interroga Vasco da Gama, que acaba por regressar às naus, mas é retido no caminho pelo Catual subornado, que apenas deixa partir os portugueses depois destes lhes entregarem as fazendas que traziam. O poeta tece considerações sobre o vil poder do ouro.

Canto IX

Após vencerem algumas dificuldades, os portugueses saem de Calecut, iniciando a viagem de regresso à Pátria. Vénus decide preparar uma recompensa para os marinheiros, fazendo-os chegar à Ilha dos Amores. Para isso, manda o seu filho cúpido desfechar setas sobre as Ninfas que, feridas de Amor e pela Deusa instruídas, receberão apaixonadas os Portugueses.

A Armada avista a Ilha dos Amores e, quando os marinheiros desembarcam para caçar, vêm as ninfas que se deixam perseguir e depois seduzir. Tétis explica a Vasco da Gama a razão daquele encontro (prémio merecido pelos “*longos trabalhos*”), referindo as futuras glórias que lhe serão dadas a conhecer. Após a explicação da simbologia da Ilha, o poeta termina, tecendo considerações sobre a forma de alcançar a Fama.

Canto X

As Ninfas oferecem um banquete aos portugueses. Após uma invocação do poeta a Calíope, uma ninfa faz profecias sobre as futuras vitórias dos portugueses no Oriente. Tétis conduz Vasco da Gama ao cume de um monte para lhe mostrar a Máquina do Mundo e indicar nela os lugares onde chegará o império português. Os portugueses despedem-se e regressam a Portugal.

O poeta termina, lamentando-se pelo seu destino infeliz de poeta incompreendido por aqueles a quem canta e exortando o Rei D. Sebastião a continuar a glória dos Portugueses.